

A fotografia como estímulo para a construção de uma dramaturgia teatral.

Joice Rodrigues de Lima, com orientação do Profº Dr. Cassiano Sydow Quilici.

Universidade Estadual de Campinas

Palavras-chave: fotografia – teatro – dramaturgia.

Num mundo marcado por uma constante aceleração de todas as coisas, e por relações sempre efêmeras, a possibilidade de deter o olhar sobre uma imagem representa a chance de imprimir sobre ela uma certa dose de desejos e sentimentos, que ligará o sujeito à imagem de uma forma intensa e, talvez, definitiva. Trata-se de substituir a velocidade (...) pela densidade. (Ronaldo Entler)

Neste trabalho proponho reunir possibilidades de criação de uma dramaturgia teatral que utilize imagens fotográficas como estímulo. Tal pesquisa desenvolve-se empiricamente com a participação de um grupo de atrizes. Como metodologia, adoto dois processos que se desenvolvem simultaneamente, ambos baseados na observação de fotografias. O primeiro, proporciona condições e estimula a criação de uma dramaturgia própria ao ator, ou seja, baseia-se na utilização da observação das imagens fotográficas no processo de criação do repertório de ações, matrizes, jogos e estados do ator¹. Entrelaçadamente, desenvolve-se o foco central desta pesquisa, que diz respeito à criação da cena em sua estrutura dramaturgical.

Enquanto proponente, acrescento um olhar, sobre o material criado pelas atrizes, imanente de sensações e novas imagens suscitadas pela observação de determinadas fotografias, e, neste conjunto, proponho estabelecer uma dramaturgia cênica, além de entender sua constituição neste processo em particular. A dramaturgia, então, é consequência de sensações causadas pela percepção de imagens fotográficas.

Segundo Hans-Thies Lehmann (2007:142), ao refletir sobre os signos teatrais,

Se a percepção sempre funciona de maneira dialógica, na medida em que os sentidos respondem a estímulos ou exigências do ambiente, revela-se ao mesmo tempo uma disposição para reunir a diversidade em uma textura de percepção, para constituí-la portanto como unidade, de modo que as formas da prática estética criam a possibilidade de intensificar essa atividade sintetizadora e corpórea da experiência sensorial ao mesmo passo que se busca justamente sobrecarregá-la, tornando-a consciente como busca, decepção, eliminação e redescoberta.

Pressuponho que o elemento sintetizador equivale-se ao termo dramaturgia, participando da criação da cena num diálogo, e não de maneira impositiva, entre os elementos plásticos, textuais e sonoros inerentes a esta experiência cênica.

As características da fotografia aparecem como modo de percepção da cena: um pensar na criação teatral de modo fotográfico. É necessário um *deixar-se afetar* pelas imagens e pelo modo de concepção da arte fotográfica, para que, se crie uma dramaturgia em relação ao material oferecido pelas atrizes durante o processo.

Numa reflexão sobre a obra de Roland Barthes, Etienne Samain (2005:126) define que o autor emprega em seu texto um ‘olhar fundamentalmente fotográfico, com o constante corte

da realidade, a decupagem de uma continuidade e a imersão no fragmento. Este mesmo *olhar fundamentalmente fotográfico* ao qual Samain se refere, proponho na criação da cena uma imersão no instante de fragmento representado pela foto; que este fragmento de existência desencadeie outros momentos, por sua vez, teatrais, sempre num fluxo de criação com as atrizes presentes e participantes deste acontecimento.

Samain (2005:125), citando Barthes, ainda afirma que uma foto é “sempre invisível: não é ela que vemos”. Refere-se às possibilidades que a fotografia tem de levar o olhar de quem a aprecia para um outro universo, pertencente então ao sensível, ao campo do afeto. Pelo mesmo viés, começo a investigar a possibilidade de deixar-me levar pela foto ao citado *invisível*, transformando-o em cena teatral. A pesquisa visa, portanto, transformar em teatro, o que pertence ao movimento interno latente à foto (SAMAIN, 2005:120) e que extrapola o limite das linhas que constituem a imagem. Entler (2005:280) diz que a fotografia interrompe o tempo, mas mantém o sentido de sua continuidade “porque tal resultado está amparado por um conhecimento que nos leva invariavelmente a pensar no fluxo que foi ocultado”. É este fluxo que tenho como pressuposto servir de estímulo à dramaturgia.

Ao trabalhar com a hipótese de que no teatro o artista pode partir de um impulso ou, um motivo interior que o conduza à criação, entendo que este movimento criativo nasça de estímulos ou necessidades particulares, para que, posteriormente, tornem-se universais na cena. Nesta pesquisa investigo modos de criação teatral que partam da relação com uma imagem e que atinja meus sentidos. Com este propósito alguma identificação, relação ou diálogo, eu devo estabelecer com esta imagem, ou seja, de alguma maneira ela deve me afetar, para que se manifeste um movimento criador.

Sendo assim, optei, dentre as imagens, por trabalhar com a produção fotográfica de uma artista em especial. Sophie Calle, fotógrafa, escritora e artista plástica francesa, produz trabalhos com formação híbrida, nos quais expressa muito de seu íntimo misturando elementos performáticos em suas criações por vezes em textos, por vezes em fotos. Entler (2004:49), ao discursar sobre a artista, nos atenta para sua capacidade de

fundamentar seu trabalho nas presenças incompletas que a imagem oferece, [...] com isso ela consegue aprofundar a distância com a realidade que investiga, mas sem rompê-la[...] Percebemos em todos os trabalhos uma narrativa que não esconde os sentimentos da artista, construídos a partir de uma aproximação e de uma vivência efetiva, mas em contrapartida, preservados através de certa distância que mantém e das informações que jamais revela.

Identifico no trabalho de Calle, três características interessantes a esta pesquisa que indicam possibilidades de explorações no universo teatral: a ausência, o acaso e o acontecimento performático no momento da realização das fotos.

Entler (2006:47) lê nas fotos desta artista algo que chama por “presentificação de uma ausência”. Ele coloca que Calle, ao levar a imagem ao âmbito do simbólico e, em conseqüência, do artístico, deixa uma lacuna que não se preenche, ela nos coloca uma memória que está

implícita à fotografia, mas apresenta-se fragmentada e incompleta, justamente por constituir-se do acaso e do não conhecido, tornando-se cúmplice do espectador na investigação da obraⁱⁱ. Esta lacuna, o autor chama de *esquecimento* (ENTLER, 2006:54), e trata este fator como potencializador destas imagens atribuindo-as a característica de obra artística, pois confere a elas a possibilidade de ser redescoberta, recriada e lembrada:

a arte é rica porque mantém suas lacunas e pede para que suas histórias sejam reinventadas. Por isso também a nossa imaginação flui diante de obras, por mais que tenham sido explicadas pelos bons livros de história da arte e pelos livros que contam mais didaticamente as histórias encenadas pela arte (ENTLER, 2004:55).

Essa ausência, assim como o elemento do acaso, parece fortalecer desdobramentos do instante fotográfico através da memória do observador. No momento em que a fotografia revela a possibilidade de histórias desconhecidas, ou de espaços subjetivos, incompletamente revelados, abrem-se arestas para o exercício de preenchimento destas informações que não são fornecidas, fato que aciona a imaginação daquele que está diante da imagem.

Há na obra de Calle, um novo tipo de realismo, não análogo, pois apesar da imagem fotográfica carregar a semelhança com o real, sua obra não denota a pretensão de expressão fiel daquele instante, mas de abertura a possibilidades interpretativas, inclusive pelo caráter performático na sua concepção, que faz iniciar o processo artístico antes da efetivação da imagem, e não a conclui como verdade absoluta.

Frente a estas colocações pressuponho ser possível que se tornem teatrais os desdobramentos sugeridos pela fotografia de Calle, materializando-os pelo fato de “poder continuar sendo” que a imagem estática apresenta, num local além do materialmente visível (ENTLER, 2004:57). Resta entender em quais outros aspectos suas fotos podem dialogar com uma proposta de dramaturgia teatral e como expressar as imagens de Calle, sem o intuito de transpor ao teatro uma pesquisa biográfica, mas sim, de nutrir-se desta obra enquanto estímulo fomentador do processo criativo.

Bibliografia:

CALLE, Sophie. **M'as tu vue**. Paris: Adagp, 2003.

ENTLER, Ronaldo. **Fotografia e acaso: a expressão pelos encontros e acidentes**. In O Fotográfico. São Paulo: Hucitec, 2005.

_____. O corte fotográfico e a representação do tempo pela imagem fixa. In Studium 18, v.12, 2004. Disponível em <<http://www.studium.iar.unicamp.br/18/03.html>>. Acesso em: 28 jul. 2008.

_____. Testemunhos Silenciosos: uma nova concepção de realismo na fotografia contemporânea. In ARS (USP) v.08, p.44-60, 2006. Disponível em <<http://www.cap.eca.usp.br/ars8.htm>>, p.49. Acesso em: 05 jun. 2008.

LEHMANN, Hans-Thies. **Teatro Pós-Dramático**. Tradução de Pedro Sússekind. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SAMAIN, Etienne. **Um retorno à Câmara Clara: Roland Barthes e a Antropologia Visual**. In O Fotográfico, São Paulo: Hucitec, 2005.

ⁱ Refiro-me ao repertório de ações, jogos e estados corpóreos criados durante o processo empírico.

ⁱⁱ Sophie Calle atribui um misto de acaso e ficcional em suas fotografias quando não revela explicitamente suas histórias (PACQUEMENT *apud* CALLE, 2003:17).